

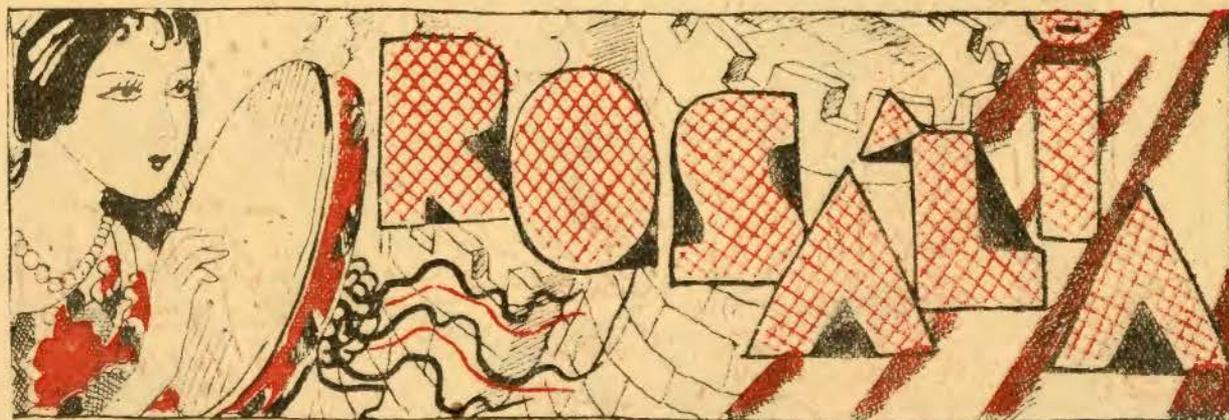


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por Francisco Lyon de Castro

Desenhos de Adolfo Castañé



SENTADO junto à janela, embaciada pelo orvalho que caíra durante a noite, estava o futuro Senhor feudal, de cotovelos apoiados no parapeito e meditando em qualquer coisa que o preocupava

ao profundamente que nem deu pelo chamamento da velha criada, a qual já por várias vezes o chamara:

— Roland... Roland...

E o jovem sempre pensativo, parecia não ouvir a velhota que constantemente o acariciava em momentos de birra, com uma paciência evangélica.

— Roland... Roland...

— Que queres, velha duma figa? Já ontem te disse que estava zangado contigo mas parece queres fazer as pazes comigo. Em quanto não me responderes ao que no outro dia te perguntei, não falarei contigo.

E a velhota, sempre paciente, afagando-lhe os dourados cabelos, acalmava-o, e dizia-lhe:

— Tu bem sabes que desconheço onde é que ela está; nem mesmo os teus tios sabem.





E o pobre rapaz lá ficava, outra vez, mergulhado nos seus tristes pensamentos e architectando as mais terrificantes aventuras para a poder ter outra vez a seu lado, a ela... a querida irmãzinha que um dia desaparecera, e que deixara todos os corações desolados, naquele velho castelo.

Sempre triste, ninguém conseguia amenizar a máguia daquele coraçãozito que se sentia de pedra para com aqueles que lhe tivessem roubado a felicidade.

Uma manhã, do pátio do castelo, vinha o rufar dum tambór como que querendo despertar a gente de ali.

Por detrás da janela, Roland sempre triste, vira chegar os saltimbancos que, dansando e fazendo piruetas, tentavam despertar a atenção.

— Roland... Roland... Estão lá em baixo os saltimbancos... chamo-os?

— Vai-te para o diabo mais êles!

A velhota deligenciando fazer passar o mau humor a Roland, chamou os saltimbancos, à frente dos quais vinha um velho corcunda tocando e gargalhando duma maneira que arrepiava.

Os olhos, semelhando esferas, revolteavam-se dentro da órbitas, e a boca, escancarada, contorcia-se nas mais horrendas posições.

Mais atrás um rapazito dos seus 14 anos, vestido de palhaço, com fato prateado, por pouco não quebrava as costas dando pinos e cambalhotas que faziam rir, a bandeiras despregadas, a criadagem que se reunira em volta. Um gigante atlético vinha ladeado por duas jóvens que contrastavam em delicadeza e formosura com os disformes braços, cabeças e pernas do horrendo gigante; e um outro homem atarracado, também vestido de palhaço, aparentando 40 anos, mas com a cara rugosa, devido às pinturas que o caracterizavam, compunham o rancho de artistas que pretendiam exhibir-se no velho castelo da Rocha Negra.

Cá em baixo, no pátio, ficava um carro que os conduzia de terra em terra e que servia de cozinha, dormitório, «toilette» e... enfermaria.

O velho conde achava interessante aquela exótica «troupe» e mandara que se exhibissem na sala onde estava Ro-

land, o qual os despediu assim que os viu entrar rufando o tambór e fazendo o seu trabalho de circo.

Mas não poudo deixar de rir, a bandeiras despregadas, quando viu o corcunda escorregar no encerado e ficar de-baixo do roufenho tambór.

O conde achava graça às danças e trabalhos dos pelotiqueiros, e, principalmente, às danças de Zuth, uma das jóvens que acompanhavam êstes nómadas.

— Senhor conde, lá em baixo, dentro do carro dos saltimbancos, está uma criança chorando— disse um criado.

— Pertence-vos? — perguntou o conde ao velho palhaço que em princípio se apresentara como chefe da «troupe».

— E' uma pequena que faz parte da nossa companhia e que, por estar doente, não a apresentamos em público. E' ainda muito nova, tem 10 anos e já faz trabalhos que são muito admirados nas terras onde temos passado.

— Seria melhor trazerem-na para aqui, visto que, talvez, fôsse mais fácil tratá-la, e sempre teria aqui mais comodidades.

— Não é necessário. Aquilo é mais birra do que doença, e nós contamos partir hoje mesmo.

O conde, que mostrava ter grande interesse em saber do estado de saúde da pequenita e ao mesmo tempo, conhecê-la, mandou o criado ir buscar a criança, não sem que António, o velho palhaço, ainda tentasse apresentar uma escusa.

A criança, posto que se adivinhasse através os delgados lábios, mãos delicadas e maneiras correctas, uma origem, não daqueles famintos artistas mas de gente que, provavelmente, a criara, tinha as faces pálidas, o corpo franzino e as orelhas quasi transparentes—pelo que se adivinhava pouca saúde.

Roland, mal viu a pequena recordou-se da irmãzinha querida, e foi com ternura que afagou os seus anelantes cabelos.

.....

Todos os dias Roland, a pequena — a que chamavam Carmen — e João, o pequeno saltimbanco brincavam juntos, e o palhacito ensinava ao triste Roland pequenas habilidades que o entusiasmavam e divertiam.

Travara-se, assim, uma grande intimidade entre João e Roland, amizade que levou um dia este a contar ao seu amigo o desgosto que o consumia, pelo desaparecimento da irmã, numa noite em que uns maus homens, comandados por um inimigo feudal de seu pai, lhe levaram a irmãzita, a qual ele se lembrava ainda de ser muito pequena e brincar com ele pelos jardins do castelo.

Certa manhã, toda a gente no castelo acordou em alvoroço; os saltimbanco tinham partido, não deixando nenhuns vestígios.

Roland encontrou então, em cima duma mesa, a que se costumavam sentar ele e João, um bilhete com os seguintes dizeres:

«Meu amigo Roland:

A pequena Carmen, segundo conversas que tenho ouvido ao tio António, foi encontrada por ele numa terra distante daqui.

Tem uma medalha ao peito, em que vocês nunca repararam, com o nome de Rosália e as letras C de R.

Seguimos pela estrada velha para o bosque que fica a pouca distância daqui, onde o tio António espera ir reunir-se a outros da sua raça.

João,

Roland mostrou aos velhos tios o que encontrara em cima da mesa.

O velho não pôde reprimir um grito de alegria e, ao mesmo tempo, de indignação.

— Mas Rosália era o nome da tua irmã — exclamou ele dirigindo-se a Roland. Vou já mandar apromptar homens e perseguir esses malditos saltimbanco. Logo, no mesmo dia, bastantes cavaleiros e outros homens de armas, partiram em busca dos saltimbanco, possuidores dum dos descendentes duma família nobre possuidora de terras que causavam inveja a muitos Senhores das vizinhanças.



Uma nuvem de poeira envolveu os últimos cavaleiros numa cavalgada trepidante.

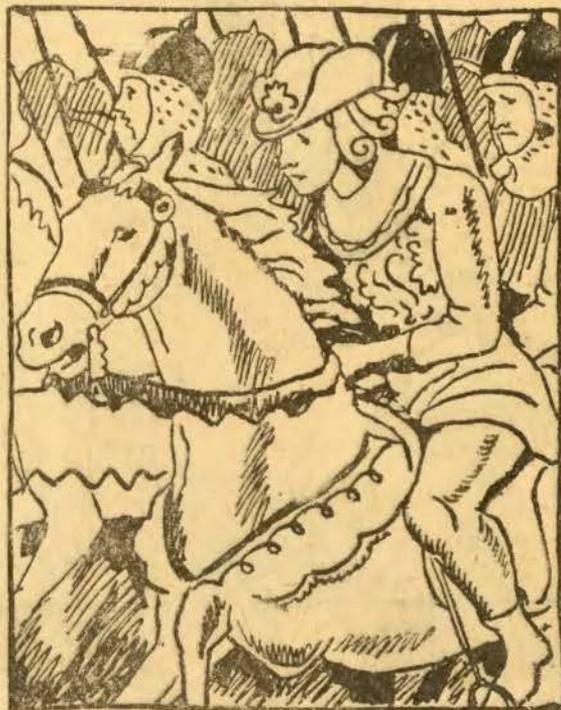
O saltimbanco António e a sua «troupe» seguiam rapidamente para o bosque que ficava a pouca distância, antro de salteadores que assaltavam os viajantes nas estradas, roubando-os e maltratando-os.

A noite reuniam-se em volta de fogueiras que davam

um aspecto sinistro aos rostos iluminados pelo lume crepitante.

Durante a noite, os olhos perscrutadores dos que ficavam de ataláia, não se cansavam na penumbra, tentando pressentir qualquer ruído ou divisar qualquer indiscreto.

Os enviados do tio de Roland, após chegarem ao bosque, dispersaram-se e combinaram reunir-se a um sinal.



Ouviu-se um grito de alarme e logo dezenas de sombras se movimentaram num recontro em que se não reconheciam, ouvindo-se o jovem Roland gritar a todo o momento por Rosália, mas em pouco tempo os soldados subjugaram a turba de saltimbanco.

Contudo, aproveitando a refrega, o velho palhaço conseguiu pegar na criança e refugiar-se numa parte espessa do bosque.

João, presenciara esta fuga precipitada, e quando se viu junto de Roland, indicou-lhe o refúgio de António.

Na presença do velho conde, o saltimbanco respondia duma maneira vaga e incerta, de forma a não esclarecer a presença da pequena Rosália no meio daquela gente.

Fascinado, porém, pelo dinheiro, que o tio de Roland lhe oferecera, não se recusou a desvendar, com pormenores, o motivo porque Carmen — como ele chamava à pequena — se encontrava entre eles.

— Uma tarde, há perto de cinco anos, seguíamos, estrada fóra, em direcção a uma aldeola onde nos fizemos anunciar, quando ouvimos uns gemidos que partiam dum caniçado existente a pouca distância da estrada. Não nos surpreendemos quando encontramos uma rapariguita tiritando de frio. Como fazem todos os da nossa raça, recolhemos a criança e ensinámos-lhe vários números de circo que causavam sucesso nas terras por onde passávamos.

«Sabendo-a de boa origem, por uma medalha com um braço que trazia ao pescoço, e esperando que, mais tarde, se descobrisse a sua origem e nos indemnizassem bem, recatávamo-la dos olhares dos nobres.

«Criámos-lhe amor e já viamos nela um componente da nossa família, quando viémos aqui exhibir-nos e eu notei que lhe dedicavam afeição.

«Temendo a descobrissem, partimos precipitadamente, julgando que já tivessem reparado na medalha que ela ainda trás ao peito e tem um nome:—Rosália e as letras C R...»

O conde, ao ouvir pronunciar este nome, não pôde sustentar as lágrimas que lhe sulcaram o fatigado rosto e abraçou-se à pequena Rosália que, ternamente, afagava a cabeça dum cãozinho que estava perto.



— Sim — dizia o conde — Castelo de Ronfort. O castelo de teus falecidos pais, Roland. E, meigamente, limpou o rosto do pequeno que tantas provas de amor fraternal havia dado.

O saltimbanco continuou:

— O pequeno João também nós encontramos, há já bastantes anos, e afeiçoou-se a nós de tal maneira que não nos tem abandonado.

«A ambos temos tratado segundo as receitas que tiramos dos espectáculos e jamais ambos sentiram fome, pelo que muitos dos nossos companheiros se têm sacrificado, principalmente Ruth que vê em Rosália uma irmã.

E o pobre saltimbanco, ao descrever as vicissitudes por que passavam muitas vezes os do seu rancho, deixou rolar algumas lágrimas pelo rosto encarquilhado, que tantas amarguras sofrera e parecia sempre sorrir, devido à enorme boca rasgada a tinta na face.

— Todos nos odeiam, porque muitos dos nossos companheiros se dedicam à pilhagem, muitas vezes acimados pela fome; mas se soubessem os martírios que passamos dedicavam-nos, talvez, um pouco de carinho.

O povo, lá fora, no pátio, gritava:

— A' morte os saltimbancos, à morte... Roubam-nos as herdades e os nossos filhos... A' morte... à morte!...

O conde, então, chegando a uma das janelas que deitavam para o pátio, exclamou:

— O indulto... o indulto!... Este homem, que aqui está, não é ladrão, nem é criminoso.

Todos emudeceram, e, constrangidos, ouviram a história do encontro de Rosália, a que todo o povo queria como a uma benéfica rainha.

— O indulto... o indulto!... gritaram todos que, em baixo, no pátio, os olhos rasos de lágrimas, desejavam abraçar o pobre saltimbanco que, parecendo um homem mau, de perversos sentimentos, mostrara ter bom coração.

Sempre em mira o dinheiro, sim, como todo a sua raça, mas franco e bondoso...

A improvisada força, que fóra erguida na praça pública, para punir o crime de lesa nobresa, foi destruída por entre o gáudio da honrada população que, apesar de querer justiça severa para os que ofendiam os seus senhores, também sabia recompensar os rasgos de nobresa e as boas ações.

O mais interessante de tudo é que todos os que tinham sido presos no bosque, se regeneraram sem irem para a prisão, convertendo-se nuns honestos trabalhadores; o velho palhaço morreu passados alguns anos, como um modesto proprietário, e o palhacito João — então já homem — e Rosália, a pequena tão querida, também uma robusta mulher, já tinham uma ninhada...

Roland, agora, era um poderoso Senhor e um grande amigo dos humildes.

Correspondência

Antonio de Oliveira. O teu conto ressent-se de haver sido escrito precipitadamente. Revela habilidade mas... está ainda muito verde. Não colhas fruta antes do tempo próprio.

Lélla. A tua historiazinha revela qualidades que só mais tarde, continuando a escreveres, poderão ter guarida no «Pim-Pam-Pum». Não desanimes, pois.

Carlos Emídio de Jesus Duarte. Os teus versos revelam alguma vocação mas, por enquanto, são de pé quebrado. Vai mandando mais até que o pé se concerte.

Garota entabrada. O conto Milita não me chegou às mãos. Um sonho côr de rosa — sairá no próximo número.

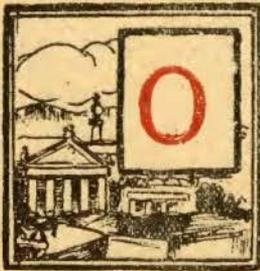
João Coelho dos Anjos. Os teus versos, além de não serem de índole infantil, são impublicáveis. Experimenta a prosa pois não foste fadado pelas musas.

Tio Paulo

AS ARROGÂNCIAS DO PISCO

Por JOSÉ AUGUSTO DO VALE

Desenhos de ADOLFO CASTAÑE



Pisco, como os meus amiguinhos sabem, é uma pequena ave, emigrante, que só aparece, entre nós, no tempo do frio. Alimenta-se unicamente de bichitos que come em muito pequena quantidade, o que contribue para que o povo diga: — «Come tanto como um pisco».

A sua penúgem tem a cor dos rouxinóis no lombo e nas asas, e o peito é avermelhado como se fôra um colete. Esta dispo-

sição de penúgem faz com que o rapazio lhe chame: — «A ave do colete vermelho».

E' muito dado a cumprimentos. E as suas contínuas vénias, baixando e levantando a cabeça, muito rapidamente, e empertigando-se, em seguida, fazem com que tais movimentos sejam interpretados com a linguagem seguinte: — «Vês o meu colete?!... Olha, bem: — Vês o meu colete? Tu vês o meu colete?!...»



Passa, portanto, uma vida alegre, a seu modo.

Não obstante ser fraco, como é, deixando-se agarrar facilmente em ocasiões de neve ou de muito frio, ainda lhe são atribuídos actos de valentia...

A propósito conta-se dele o seguinte: — «Era nos fins dum mês de Dezembro, bastante nublado e frio. Acabavam de ser apanhadas as últimas azeitonas das oliveiras. Um Pisco, muito esperto e saltitante, viera para junto de nossas casas a passar o inverno.

Certo dia, o nosso amigo Pisco, ao notar que o céu estava quasi livre de nuvens e o sol um pouco quente, espantou-se, todo satisfeito da sua vida, à beira dum muro. E,



em seguida, collocando-se por algum tempo de pernas para o ar, muito empertigado, disse: — «Eh!... valentes!... Hoje sinto-me com uma tal força que até seria capaz de segurar o céu nas minhas pernas, se ele agora caísse para a Terra!...»

Sacudiu, depois, as pernititas, muito contente, como um palhaço em prelúdios de acrobacia.

Acabava ele de repetir, pela segunda vez, a sua sanfarronice, quando, ao largo, não muito longe do lindo sol, se formaram umas nuvens muito grossas, indicando uma próxima trovoadá. O nosso amigo não reparou nisso. E, pela terceira vez, muito enfatuado, continuou a repetir: — «O que disse, disse. Se agora caísse o Céu, segurava-o nas minhas pernas para que ninguém ficasse esmagado!!!...»

Apenas acabou de pronunciar a última palavra, soou imediatamente o ribombo dum pequeno trovão.

O Pisco, então, muito atrapalhado com o susto, começou logo a dizer: — «Oh!... céus divinos!... céus divinos!... deixai-vos estar suspenso lá nessas alturas e que nunca vos desvieis daí!... Porque se vós caís,

ou se estais em risco
o pobre do Pisco,
mais fraco que o cisco,
não tem pernas para isso!...»

Ora como o Pisco há muitos indivíduos que só mostram valentia, quando estão longe do perigo. Logo que ele se aproxima, togem ligeiros como a lebre.

BÉBÉ MANDRIÃO

Por TAUZINHA

Desenhos de CASTANÉ



RIMAVERA... Celebrava-se a festa da alegria universal, a vida voltava, intensa, brotando das flôres, alegrando os campos. A natureza animava-se no seu misterioso trabalho, espalhando pelos prados cornucópias de flôres... Bébé corria, corria (sempre seguido da linda cadeli-

nha branca — Miss Smile —) ao longo dos prados, as faces gorduchas, muito rosadas, os caracois num vai-vem ao sabôr do vento e, na sua vózita de anjo, dizia: — «Miss Smile, é bom correr, não é? E's a amiga mais linda que tenho... bela partida... hein?... Não fiz os deveres, enganei a Miss...

Quietinha Smile, não é contigo é com a outra Miss que passa de-vê-res... Correr é tão bom!... E Bébé esquecia as lições, embriagado na brincadeira. Cansado, parou e sentou-se numa pedra. Miss Smile imitou-o olhando-o meigamente, de língua pendente, ofegante de cansaço.



A briza passava, impregnada de perfumes... Flores, flôres lindas, sorriam á luz, e enquanto Bébé as admirava, esquecido que faltava ao cumprimento dos seus deveres, um pardalito construindo seu ninho, gritou-lhe: — «Vês, vês!... Trabalho na construção do ninho para a minha amada»...



— Para a minha companheira, (modulava o melro), das pétalas das rosas farei um cálice onde a Aurora virá depôr as pérolas do orvalho... Bébé olhava, admirando a actividade daqueles seres efémeros...

Ao contacto material daquelas vidas que palpitavam, idealmente ligadas à Natureza, Bébé envergonhou-se de ter mentido, de ser preguiçoso... As idéas começavam a aturdi-lo... As palavras da lição dançavam-lhe na cabeça, dividiam-se em sílabas, desperçavam-se em letras, tornavam a reunirse; Bébé, torturado, sentia o remorso...

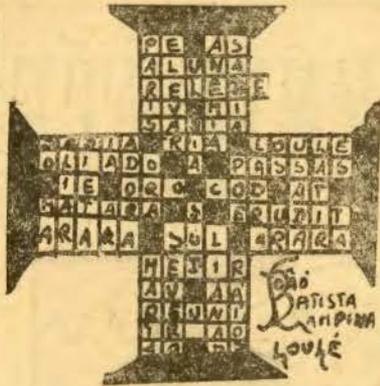
Levantou-se e, seguido da cadelinha, encaminhou-se para casa. Sofria muito... Chegando junto da mãe, Bébé contou como havia enganado a Miss, faltando aos deveres, e prometendo não mais tornar.

— «Perdão» — murmurava êle... Dois beijos fôram o perdão que Bébé implorava... acercando-se da Miss que, tranquilamente, trabalhava.

Bébé nòvamente implorou perdão; depois, num élan mais forte do que a sua vontade, olhando a Miss com os seus olhos negros e profundos, beijava-a dizendo: — Oh! Miss! — Never more...

Miss Smile — significa Miss Sorriso.
Never more — nunca mais.

F I M



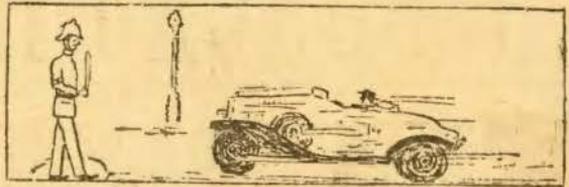
PALAVRAS
CRUZADAS

SO
LU
ÇÃO
DO
PROBLE
MA
ANTE
RIOR

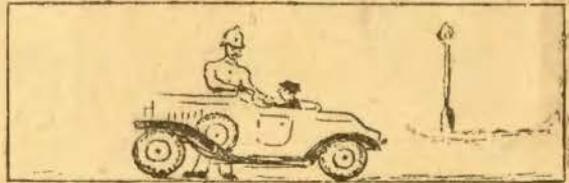
C
O
L
A
B
O
R
A
Ç
A
O

I
N
F
A
N
T
I
L

VELOCIDADE JUSTIFICADA



Por andar com velocidade, uma coisa de espantar, o senhor José Trindade foi intimado a parar.



José Trindade, então, diz que ia ao Século comprar o «Pim-Pam-Pum» ao petiz que está em casa a chorar.



Ao ouvi-lo, o sinaleiro resolutivo, nem comenta e diz: — siga, cavalheiro, vá mais depressa, a noventa...



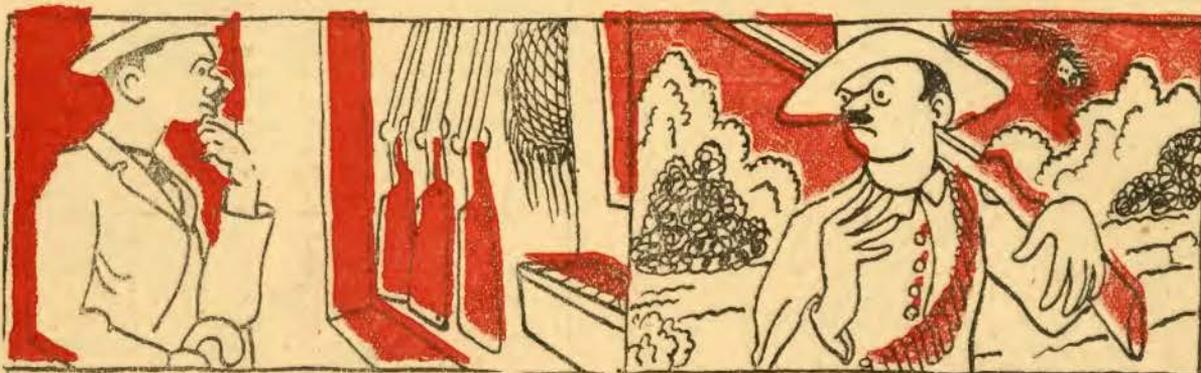
Bôas Festas

PARA OS
MENINOS

COLORIREM



PRESUNÇÃO INCONVENIENTE



O Zé Maria da Graça pára em frente duma montra onde, exibida, se encontra toda uma equipe de caça.

Entra e compra uma espingarda, balas, rêde e cartucheira e ei-lo armado de maneira que até parece ir de farda...



Em certa propriedade, bela mata florestal, eis que se embrenha tal qual um caçador de verdade.

Nisto, ao vê-lo de espingarda apontada a um passarinho, eis lhe surge, no caminho, inesperadamente um guarda,



o qual, por ser proibido caçar em tão rico erário, e conduz ao comissário que lhe pergunta atrevido:

—«O que alega em seu favor?!»
—«Que alego?!... — (Diz Zé Maria)—
Que eu apenas presumia, pois nunca fui caçador!»